



EU

POESIAS

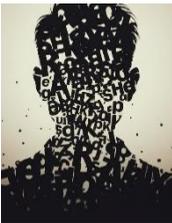
Aloísio Costa Latgé

Eu, poesias

Minha criatividade aflora
Quando ri ou quando chora
O meu coração

Sumário

Eu e minhas poesias inocentes.....	4
Eu e minhas poesias vazias.....	7
Eu e minhas poesias panfletárias	10
Eu e minhas poesias espelho.....	15
Eu e minhas poesias depressivas	23
Eu e minhas poesias desencantadas	28
Eu e minhas poesias descartáveis	32
Eu e minhas poesias inadequadas	36
Eu e minhas poesias étlicas	40
Eu e minhas poesias promíscuas.....	44
Eu e minhas poesias que envelheceram comigo.....	49
Eu e minhas poesias últimas (!?...)	56



EU

Eu

e minhas poesias inocentes

Comecei a escrever poesia por volta dos 14 anos de idade. Acredito que influenciado pela minha primeira namorada, que entre outras qualidades, era poetisa. E eu era só um moleque! Incomodado com essa situação, além de romper nosso relacionamento, me desfiz de antigas amizades e fiz novas, comecei a desenhar em pedacinhos de papel, apostilas do colégio, roupas e tênis e a escrever pequenos e inocentes versos infantis.

Deus

dia de chuva

braços abertos

na colina

virou para raio

menina

A maioria das poesias que escrevi entre os meus 14 e 17 anos foi parar no lixo. Para ser mais preciso, nas calçadas do bairro onde eu morava (São Francisco, Niterói, RJ). Foi em uma bela manhã de um dia qualquer, que, andando em direção à escola e relendo os meus

textos, fui arrancando páginas e páginas do meu “Caderno de poesias”, fazendo bolinhas de papel e descartando-as.

Revelação em P&B

No escuro
do meu laboratório
de fotografia,
revelei uma criança
com medo
de Bicho Papão,
acendi as luzes
...
velou o filme

Não duvido que tenha sido criterioso em meu julgamento e que tenha descartado somente poesias muito ruins – praticamente todas. Mas, agora, com idade mais avançada, recinto não tê-las em mãos para revisitar-me ou traçar um panorama da minha evolução – ou não –, como poeta e como pessoa!

Um palhaço na vida

Um palhaço na vida
uma vida sem rumo
o rumo do mundo

um mundo sem mal
Nada é real
tudo ideal
nada imoral
Imoral é a vida
do palhaço sem rumo
num mundo sem mal



EU

Eu

e minhas poesias vazias

Não comecei a escrever poesias para me aproximar de novos amigos, tampouco para me sobressair aos antigos. Não escrevia tanto e nem tão bem, evitava escrever na presença de outras pessoas e raramente exibia meus escritos. Escrever poesias não era, portanto, uma ação racional e com objetivos definidos... Para ser franco, nem sei apontar, exatamente, minha motivação!

Ponto de vista

Pensar a Terra sem Homens

parece difícil para a cabeça de um Homem

mas será tão difícil para a Terra?

Embora tenha experimentado minhas primeiras crises depressivas e de identidade após o término do meu primeiro namoro, minhas poesias não abordavam angústias nem dores, tampouco alardeavam conquistas ou projetavam sonhos. Elas eram bobinhas e faziam mais graça do que rima. Qual eu mesmo – à época e, talvez, até hoje.

Suco tropical

Suco de Manga

suco de Caju

suco de Goiaba

sucos de um país tropical

Nada mais natural

sobe no pé

tira com a mão

põe no liquidificador

– É natural!

– É natural!

– É natural!

Suco de sangue

bem vermelho e fresco

tipo A

fator RH positivo

– É natural!

– É natural!

Suco de carne

suco de músculos e ossos

suco de mente

e de ideias dementes

– Suco de eu!

Sobre o amor, fiz menos versos ainda. Apesar de ter mantido, após o termino do meu namoro, um amor platônico pela minha ex-namorada e ter sentido diversas paixões à primeira, à segunda e à terceira vista. Poucas vezes usei a poesia para falar sobre o amor, seja de forma genérica, realista ou fantasiosa. Essa é uma característica que acompanha toda a minha produção poética.

Lembrança

As mães também viram
cactos no Natal



EU

Eu

e minhas poesias panfletárias

Ao ingressar na faculdade, passei por uma fase idealista. Acreditava que escrevendo um monte de blá, blá, blá, cumpria meu papel social. Alheia à importância que eu dava aos meus escritos, uma amiga, do ensino fundamental e da PUC-Rio, classificou essa minha poesia como “panfletária”.

Beleza social

Que bonito: crianças chorando!

Que bonito: crianças com fome!!

Que bonito: crianças morrendo!!!

– Isso é poesia?

Poesia social...

– Que fala de choro

de fome

e de morte?

Realidade nacional...

– Como você pode dizer

que isso é bonito?

Nós geramos essa situação

e não choramos
por vezes, até sorrimos...
Não é bonito?
Todas choramingando, remelentas
todas famintas e cheias de vermes
todas... morrendo
Viva, viva, viva!
... a miséria que fomentamos
Viva, viva, viva!!
... a podridão que negligenciamos
Viva, viva, viva!!!
... enquanto escrevo, mais um caixão
Viva(!?...)
Segue a procissão

Tão vazio de vida e de experiências fora do meu contexto social e nele próprio, eu era retórico e vazio em minhas críticas sociais. No início, fiquei chateado com o rótulo de panfletário, mas depois tive que concordar com minha amiga e com ele. Pois, de fato, os meus textos eram repletos de frases feitas, sendo a sua maioria de baixa qualidade, e de conteúdo duvidoso.

Reflexo

É cada coisa que acontece nesse mundo

é cada mundo que acontece nessa coisa

é cada...

Cada dia que se vai

volta...

Cada volta que se tem

muda...

Plantada em terras férteis

pega, brota, desabrocha

A broxa que pinta as paredes

é a mesma que picha

... mas...

Desabrocha

A broxa que picha

é a mesma que despicha

... ai que vontade de me espichar...

Despistar!

Será que é isso que eu quero?

Querer não é poder

O mar me afoga em águas doces

Quentes e frias são as lembranças

... lembranças...

Isso é coisa desse mundo

Que mundo?

Imundos

são os pensamentos

da cruz nazista

É isso!

Eu queria ser artista

Mas sou muito...

ideal?

Liberal é aquele que condena o que faz

– Sem nexos

Ih...

reflexo

Afinal, que experiência tinha de lutas sociais àquela época? E mesmo hoje? Se acompanho conflitos somente por noticiários e não me empenho sequer pelos meus próprios ideais... Se é que os tenho. Na maioria das vezes, diante de desigualdades e injustiças sociais, me deixo tomar pelo conformismo e pelo medo.

Dezenove anos

Dezenove anos...

Nessa idade as estrelas já brilham!

E eu?

Será que represento a luz de uma vela

no caminho de alguém?...

“Todo artista tem que ir onde o povo está”!

E onde está o povo?

Trabalhando

Enquanto eu estou aqui falando de arte!

Dezenove anos

e eu aqui, falando de arte...

Nessa idade o povo já brilha

as estrelas já trabalham

... não...

Eu não sou contra a arte

nem a favor do trabalho braçal

Sou contra pessoas que não se decidem...

Será que me resta tempo?



EU

Eu

e minhas poesias espelho

Os meus textos sociais eram pura balela. Superficiais, vazios e, mesmo, preconceituosos... Por isso, acabei deixando-os de lado e me voltando para as minhas próprias experiências e questões pessoais. E, até hoje, é assim a minha poesia: pessoal e intransferível. Mesmo não sendo as experiências que vivo e as questões que me mobilizam meritórias de muitas palavras e rimas.

Palavras

Pequeno aprendi a usar as palavras
para tudo o que desejava
uma palavra sempre se aplicava
Se eu tinha fome, pedia biscoito
e se eu tinha sede, só de vício
hum... Coca-Cola
Mas logo-logo fui percebendo
que essa não era uma relação exata
que, por vezes, uma palavra faltava
Na adolescência eu dominava
com maestria belas palavras
para seduzir belas meninas

Mesmo assim, elas faltavam
palavras para justificar os meus
inúmeros fracassos amorosos
Adjetivos na cabeça transbordavam
para falar das tantas belezas da vida
mas com quais expressar os dissabores
Alusões e ilusões enchiam meu ego
mas nenhuma palavra, contudo
consequia explicar meu vazio e seu eco
Procurei na origem da linguagem
li tudo o que me foi oferecido
li, inclusive, o que me foi proibido
Mas quanto mais aprendia sobre elas
e quanto mais palavras apreendia
mais palavras pareciam faltar
Cheguei a imaginar quão felizes eram
os gatos e cachorros sem palavras
por delas não dependerem
Palavras que tentam, mas não miam
palavras que tentam, mas não latem
palavras que falham
Imaginava a alegria do passarinho
ao cair da tarde, piando ritmadamente
sobre um fio de eletricidade
Mas, até para imaginar
palavras, por vezes, me faltavam
ou não tinham o sentido ideal

Tentei ficar mudo por algum tempo
tentei parar meu pensamento
simplesmente, me abstrair dessa prisão
Mas as palavras já haviam
se apossado do meu corpo e mente
se embrenhado em meu ser
Tornou-se, para mim
inevitável, impossível, insuportável
viver com e sem elas
Procurei um psicanalista para mudar
a minha forma de ser, mas ele
só calava ou falava palavras esquisitas
Cheguei a procurar
um psiquiatra para me drogar, mas ele
não topou e disse para eu não voltar
Comecei a fumar, a beber
me perdi na vida, fiz muita merda
para fugir das malditas palavras
Ao final, tornei-me tão imperfeito
tão impuro e, por vezes, sem sentido
que finalmente compreendi:
A plenitude do que se expressa só existe
para quem não percebeu que a plenitude
não se expressa!

Paredes, espelhos, medos, culpas, fracassos, tornaram-se o foco das minhas poesias, que registravam com ou sem rimas a construção da minha personalidade, a busca pelo meu espaço na sociedade e na vida de outras pessoas, as minhas fraquezas e frustrações. A sensação de estar aprisionado, paralisado e sem forças, foi, até bem recentemente, uma sensação recorrente. Quebrar as paredes que me aprisionavam, libertar o reflexo do meu verdadeiro eu dos espelhos, enfrentar os meus próprios medos e conformar-me com as culpas que carregava, eram os meus desafios...

Mergulho no espelho

Toc, toc, toc...

tem alguma coisa aí?

Pergunto a mim mesmo

diante do espelho

Inocência

inconsequência

ternura...

coisas que já foram

Ideal

persistência

amor...

sentimentos sufocados

Toc, toc, toc...

repito a mesma pergunta

diante de mim mesmo

Mergulho mais fundo
a procura de algum motivo
que me justifique
Qualquer coisa...
Toc, toc, toc...
soc! pow! sock!
bato desesperado
em mim mesmo
– Tem alguém aí?

Julgava merecer mais do que conquistara ou poder fazer mais e melhor do que fazia. Mas, na prática da vida, pouco fiz para ter realmente mais do que tinha ou ser uma pessoa ou profissional melhor. Na realidade, a situação era ainda pior. Pois eu não vislumbrava realmente o que queria o meu querer. Fui seguindo adiante, por seguir, tomando os caminhos que se abriam e me segurando às mãos de quem me estendesse as suas. O resultado desse descaso e descompromisso comigo mesmo foi uma vida e muitas poesias ao mesmo tempo repletas e vazias de mim.

Desencanto

Eu não compreendo
Onde estou?
Segui o arco ires até o final
Onde está o pote de ouro?
A merecida recompensa?

Fui um bom garoto
Um bom filho, bom amigo,
Papai Noel
Até rezar à noite, rezei
Para o senhor,
Papai do Céu
Me esforcei para ser
O melhor eu
Que eu poderia ser
E isso?
Essa é a minha paga?
É um castigo?
Sim, eu sei
Por vezes erreí
Mas!?!...
Esse vale desencantado
Onde não há
Lugar para sonhos
Para fantasias...
Não têm fadas
Não têm coelhinhos da Páscoa
Não tem eu
Não tem nada...
Só correr, sofrer e crescer!

A sensação de que a minha vida poderia ter sido diferente se eu tivesse adotado uma postura diferente está presente em muitas das minhas poesias e textos de estilos diversos. Acredito, não sei porquê, que tudo poderia ter sido melhor. Mas, por mais que refletisse sobre a vida, em minha cabeça e meus textos, por mais que acreditasse nesse pensamento, nunca consegui vislumbrar o que poderia ter feito diferente e quanto melhor poderia ter sido!

Papel timbrado

Para que servem tantas páginas em branco
tantas linhas a se oferecer para mim
diante do meu limitado repertório de palavras
e vazias ideias
Serei sempre refém de um reflexo no espelho
dos meus limites, minha ignorância, meus medos
refém de mim mesmo
Estarei o tempo todo preocupado com o tempo
com a monotonia da vida, a dureza do dia-a-dia
preocupado comigo mesmo
Ou farei do meu texto palco para realização
de minhas fantasias e meus desejos
para fingir ser o que ou quem não sou
Páginas e páginas se enrolam e desenrolam
a pretexto de uma nova versão com ou sem verso

da mesma balela de sempre
Sou eu quem controla a caneta
quem mancha de tinta o papel branco, amarelo, azul
Sou sempre eu a engrandecer
sou sempre eu a desmerecer
a minha própria história



EU

Eu

e minhas poesias depressivas

Os anos foram passando e a depressão foi ganhando espaço na minha produção poética e vida pessoal. A dor que me consumia e que não estancava em todo o meu corpo – meu peito, minha mente, minha alma –, tornou-se tema central de praticamente todas as minhas poesias... Acho mesmo que algumas das minhas melhores poesias têm a depressão como tema central.

Separação

Quando disse sim à vida
não imaginava que 32 anos depois
estariamos nos matando
A vida parecia tão bela
era tão fascinante e envolvente
oferecia tantas possibilidades
E por algum tempo foi realmente assim
cada coisa que aprendia sobre ela
somava desejo e força para evoluir
Mas com o tempo a vida foi mudando
foi se tornando mais e mais difícil

sem sentido, frustrante, insuportável
É inevitável
eu e a vida não podemos mais viver juntos
chegou a hora de cada um seguir o seu caminho
Chegou a hora de nos separarmos

Em meio a uma das minhas piores crises de depressão, eu comecei a mandar minhas poesias para uma lista de amigos, através de e-mails, e cheguei a receber elogios por elas, embora pretendesse só o desabafo e não o reconhecimento.

Despedida

Cada enterro a mesma dor
A soma de não mais
a não mais
a não mais
Amigos, parentes, filha
queria não mais sentir essa dor
Mas, vez por outra
um novo enterro se faz
Hoje não choro por um especialmente
choro por todos que não mais
ou por mim mesmo
que por mais prossigo
com vida, com dor e com saudades

Implorando por medicamentos que restringissem meus pensamentos e minha dor, consultei-me com um psiquiatra. Depois de uma longa conversa, ele disse que não ia me passar um medicamento muito forte, que me deixasse dopado, pois a minha depressão era “intelectual”. Segundo ele, eu precisava manter meu cérebro e minha criatividade funcionais... Juro que não entendi. Por racionalizar minha dor e expressá-la de forma criativa, minha dor e minha necessidade de amenizá-la foram relativizadas. Como se um engenheiro, um vendedor de produtos chineses ou um soldador merecessem ser tratados, mas eu – o “artista” – não. Pois a depressão estava me colocando no caminho certo para produzir, talvez, o que eu melhor pudesse produzir: belas poesias depressivas!

Efeito colateral

Minha poesia emerge
nos momentos de ansiedade
e crises de depressão
carregada de dor, lágrimas
descontentamento, incompreensão
sangue e solidão
surge como vindo do nada
indo para lugar algum
feito ventania, furacão
carregando tudo à sua frente

feito ressaca, maremoto
arrastando a todos sem perdão
feito eu
desumano e irracional
um monstro, um cão

Quando resolvi enfrentar a depressão – o que fiz sem a ajuda de psicólogos, nem de psiquiatras e tampouco de medicamentos –, parei temporariamente de escrever poesias. Elas estavam se tornando cada vez mais pesadas e sem esperança. Escrevê-las acabava reforçando os meus sentimentos negativos.

Microcosmopolitano

Estou cansado do barulho da cidade
do cheiro seco do asfalto
do suor dos boys no elevador
Estou cansado das buzinas
dos bate-papos, dos bate-bocas
das discussões sem valor
Estou cansado da existência
de tantas pessoas esbarrando em mim
do despertador
Estou cansado da rotina diária
do trabalho, do chefe, dos prazos

do telefone, do computador
Cansado da condução
que segue sempre na mesma direção
carregando tanta dor
Estou cansado das refeições
das satisfações e das conquistas
rápidas e sem sabor
Estou cansado de esperar
de perder, recomeçar, esperar
perder e recomeçar, sem pudor
Estou cansado, cansado o suficiente
para parar por um breve momento
... e que seja o que for!!!



EU

Eu

**e minhas poesias
desencantadas**

A verdade é que nem eu e nem a poesia perdemos muito com o meu afastamento do estilo. Com poucas exceções, minhas poesias são vazias e desnecessárias! Para ser sincero, estacionei no estilo poesia por pura preguiça. Como não conseguia levar adiante os meus romances e nem finalizar minhas coletâneas de contos, para manter aberto um canal de comunicação com a “literatura”, escrevia poesias...

Curtindo um barato

Meu suor escorre
gota a gota
pela goteira do telhado
Mas não me importo
acho um barato
quando ela pinga no chão
Pluf, pluf, pluf...
O que seria de nossas vidas
se não aceitássemos
nossos próprios fracassos?

Pluf, pluf, pluf...

Qual seria o nosso barato?

Manter aberto esse canal representava, mais do que um desejo de tornar-me escritor, manter viva a ideia de que por trás de minha vida real, existia outra vida possível ou algo fantástico por acontecer. Como nos contos de fada, em que, com o beijo de uma bela jovem, um sapo se transforma em príncipe; ou com o toque da varinha mágica de uma fada – “plim” –, a malfadada realidade se encanta; ou com uma queda em um buraco, a garota entediada com a vida é transportada para uma nova dimensão do mundo e de si mesma...

Correnteza

À margem do rio
meu eu criança
observa o seu outro
crescido e confiante
enfrentando a correnteza
Em braçadas fortes
permaneço imóvel
aguardando o cansaço
da água ou o meu
triunfar

Fecho os olhos
e me vejo
em tantos tamanhos
e idades nadando
nadando, nadando
Respiro fundo
prendo o ar
olho adiante
e avanço
ao mesmo lugar

Confesso que, mesmo não sendo fã dos filmes da Walt Disney, assim, de forma tão tola e inocentemente, se fizeram, não só a minha poesia, mas também a minha vida. Fazer poesia, sendo poesia qualquer coisa que eu quisesse poesia, se transformou em algo fácil. Algo que eu conseguia fazer a qualquer hora, só por fazer. Para preencher o tempo, para fingir-me intelectual, ou, ou, ou...

Desalfabetização

tento esvaziar de palavras
a minha mente escrevendo
pois ela já não comporta mais
tantas palavras crescendo
tantas folhas pautadas

e tanto branco aguardando
por mim, por uma atitude
como se eu já não trouxesse
palavras por demais
em minha cabeça analfabeta



EU

Eu

e minhas poesias descartáveis

A minha poesia não é arma, não mata e nem choca ninguém. Ela não traz novidades a ponto de ser admirada, respeitada e tampouco defenestrada. É vazia e sem valor. Serve para uma leitura, somente, não duas, nem três... É descartável!

Palavras armadas e carregadas

Palavras machucam, por vezes

Mais do que um tiro

Algumas nos ferem tão gravemente

Que levam à morte nossos sonhos

Que nos levam a desejar o próprio fim

Palavras são precisas, mas pecam

Por serem, palavras, imprecisas

Nem sempre dizem o que devem dizer

Nem sempre surgem na hora certa

Nem sempre retratam os sentimentos

Palavras não existem por elas

Elas existem por ineficiência do silêncio
Por falta de opção, necessidade
De exprimir o que cala um olhar
O que não alcança um gesto

Mas as palavras, pobrezinhas
Não carregam maldade em sua essência
Tampouco intensões e sentimentos ruins
As palavras não carregam culpa
São, por ela, armadas e carregadas

Bem... Talvez eu não seja realmente um poeta. Alinho as palavras à esquerda, mas sequer me alinho a elas. Combino ideias, por vezes, dispersas e até rimo sim com não para fechar um verso ou ganhar uma linha a mais. Mas minha poesia, como eu, é sem conteúdo!

Sovando a massa

De criança eu aprendi
a moldar o barro
e também a ser moldado
como tal
Aprendi a dar forma
à cães, gatos, passarinhos
pais, mães, filhos

e ao meu próprio futuro
Sovando a massa
sovando a vida
seguindo modelos ou somente
deixando se formar
Dei corpo e alma
ao meu eu e aos meus
ao passado e ao presente
às derrotas e às vitórias
Dei asas aos sonhos
e às xícaras!

Talvez acerte, às vezes, e arranque um curtio no Facebook. Talvez capte, até, por sorte ou puro acaso, uma ideia boa que transitava ao meu redor, sem rumo ou em busca de um destino melhor. Mas ela não vai além... minha pobre poesia!

Voando baixo

as pessoas engarrafam as ruas
pois não sabem voar
pois se voar soubessem
ao invés das ruas
engarrafariam o ar
e eu permaneceria na janela
imóvel, quase móvel

me questionando, afinal
o que fazem tantas pessoas
no céu a voar?



EU

Eu

e minhas poesias inadequadas

Enfim, se eu estou vivo e persisto, por que matar a minha poesia? Tanto eu, quanto ela, se bem não fazemos, não possuímos relevantes contradições e contraindicações. Se bem que... É... Hum, hum... Existem as minhas poesias de teor pornográfico. Existem também aquelas desbocadas, cheias de palavrões. E, ainda, as que supervalorizam padrões físicos, sociais e condutas pessoais desviantes.

Rosador

Estava pensando como é possível
horas me sentir tão belo
no entanto, provocar tanta dor
Posso mentir para muitos
já que aos que ainda não machuquei
belo e inofensivo pareço
Mas posso mentir para mim mesmo?
ser a beleza e a dor?
como posso ser ambos e ser um?
Então me lembro das rosas

das tão belas rosas dos jardins floridos
e dos seus afiados espinhos!

*Tá bom, tá bom... A minha poesia tem esse lado, eu não posso negar.
Por vezes, ela se fez palco para devaneios e fantasias proibidas!
Talvez algumas delas não sejam indicadas para menores de idade
e/ou para pessoas de bem. Mas, compreendam, elas são fruto da
imaginação, são exercício literário, somente. Embora, por vezes, as
minhas poesias reflitam os meus sentimentos e pensamentos, nem
sempre elas refletem quem sou.*

TV

Minha vida não é uma novela
eu não sou um artista da Globo
por que esperar por uma musa
uma história perfeita de amor?

Tô de saco cheio de ilusão
quero andar com os pés no chão
aceitar o que a vida me reserva
foda-se a Camila Pitanga!

Quero deitar na cama tranquilo
misturar minha barriga às

celulites e estrias de mulheres reais
e depois do gozo dormir em paz!

Caralho...

Caralho!!!

Caralho?!...

Em minhas poesias eu fui ébrio, fui promíscuo, fui viciado – em vícios diversos –, fui louco, fui incontrolável, fui violento – soquei muita gente e até matar, matei –, fui vil, fui fugaz, fui, fui, fui... Fui tanta coisa sem nada ser... Através dela, trilhei caminhos que, por vezes, até eram possíveis e se ofereciam para mim, mas que, diante do momento que eu vivia e da vida que eu desejava, não me eram adequados, simplesmente.

Filme trash

Meu espírito lobo

despe-se de mim

nas noites de lua cheia

Não importa o dia

o mês, o ano

ou a conveniência

Permaneço em casa

fazendo qualquer coisa

que não exija atenção
Fingindo ler o jornal
assistir TV
entretendo você
Enquanto ele vaga
sorrateiro pelas sombras
à busca de uma vítima



EU

Eu

e minhas poesias étlicas

Durante uma fase da minha vida, o álcool teve um papel maior do que deveria ter. Ele insistia em ultrapassar o limiar entre o beber socialmente e o alcoolismo. E, na minha poesia, horas figurava como instrumento de fuga da realidade e horas como instrumento para sua manutenção. Mas, se minha poesia sóbria já é... sob efeito do álcool, já era!

Água ardente

A poesia não retrata o poeta

O poeta é um ser sem rima

A ele nada combina

Vaga pelas linhas da vida

Em branco

Aos bandos não se mistura

Aos corações não se enlaça

O pobre poeta

Só mesmo se encontra

No fundo dum copo de cachaça

Algumas noites, para calar meus pensamentos e dormir, me valia de duas ou três prolongadas goladas de vinho ou de outra bebida qualquer. E, enquanto esperava o álcool fazer o seu efeito, me sentava em um banquinho, com caneta e papel nas mãos, anotando versos e outros pensamentos que chegavam junto com a embriagues. Essa é a origem das minhas mais sórdidas e perdidas poesias.

Oração

Já estou pronto para dormir
santo álcool orai por mim
conduzindo meus sonhos a lugares
novos e inusitados
distantes da realidade de todos os dias
da mediocridade da minha vida
Graças a Deus o mundo cai
todos os dias sobre minha cabeça
provocando dor e remorso
medo e vontade de fugir
através de uma garrafa de vinho e/ou
de uma garrafa de cachaça
Graças a Deus o mundo cai
independente do meu querer
pesado e impiedoso
covarde e desumano

dia a dia sobre a minha cabeça
noite a noite em meu copo!

Histórias de beber em mesas de bares noite à dentro, cercado por outros seres perdidos ou ébrios, retratadas em minhas poesias, são mero arroubo literário. Eu sempre bebi, mesmo, sozinho e em casa.

Lápide

Não esperem de mim
atitudes de um cidadão modelo
exemplos de boa conduta
nem respeito ou pudor
Mais provável ser encontrado
nas casas de massagem
gozando entre as coxas grossas
das mulheres de “vida fácil”
Quem sabe vagando pelas ruas
num eterno sem destino
junto a outros tantos vagabundos
tantas outras almas perdidas
Que não chorem por mim
as velhinhas decrepitas de preto
defensoras da moral e da ética
em meu enterro

Tal sensibilidade distorcida
não me alcança graças a Deus
estou acima ou abaixo
disso tudo e de todos
Sob a terra me juntarei
a iguais, com orgulho
vermes que se alimentavam
de dores, gozos e amores vencidos
Em minha lápide se registrará
sem glória e sem pompa
a rápida passagem pelo planeta Terra
de um homem fútil e fugaz
Através do meu nome de batismo
datas de nascimento e morte e aspas
delimitando a ausência de uma frase
“nada a mais”
Minha alma vagará por aí
como vaguei em viva carne
em busca de consolo e divertimento
brindado em qualquer brinde
– Salve, salve amigos
salvem-se todos
bêbados, mendigos e putas
homens e mulheres de alma livre!



EU

Eu

e minhas poesias promíscuas

Histórias de envolvimento com mulheres, de conquistas amorosas e de busca de sexo pelo sexo até figuraram minhas fantasias pessoais, confesso. Qual no imaginário de qualquer homem – Não? Mas elas só se concretizaram em poesias... E em segredos inconfessáveis – kkk... Nos meus textos eu fui conquistador, fui ganhão, fui inconsequente... Enfim, tudo o que meu espelho não revela!

Loteamento

Naquele dia Rita olhou para mim
e Carolina também
eu tentei conversar mas me ignoraram
Ana Paula e Luciana
naquele dia me desejaram também
eu tentei correr mas me derrubaram
Joana teve primeiro a ideia
mas Juliana a roubou e compartilhou
eu tentei gritar mas me amordaçaram
Cássia e Renata levaram o faqueiro
e uma caneta para demarcar meu corpo

eu tentei resistir mas me dominaram
Rita e Carolina ficaram
cada uma com um dos meus braços
e na sorte decidiram o meu braço
Ana Paula e Luciana dividiram
as minhas pernas
embora uma tenha ficado com dois pés
O meu tronco foi para Joana
mas num momento de descuido
Juliana roubou meu coração
Para finalizar
Cássia ficou com minha cabeça
e Renata com meu sexo murcho
O que posso fazer, como culpa-las
naquele dia eu estava irresistível
não sobrei para mais ninguém...

Na época em que divulgava essas poesias mais “acaloradas” para amigos, cheguei a ser tomado pelo que elas diziam. Um ou outro amigo passou a me evitar e uma amiga que tinha em comum com minha companheira, lhe perguntou: Como você suporta tanta humilhação? Enfim, minha poesia pode até não ser das melhores, mas, aparentemente, convincente ela é!

Amor vagabundo

Nosso amor não cabe
entre nossos corpos,
no vão estreito do permitido
Amor bandido
amor que soca, que chuta
amor que machuca
Nos rouba um do outro
faz perder o medo
o respeito próprio e a razão
Amor que vive em mutação
se compondo, se decompondo
se recompondo
Coisa vagabunda que nasce
sem querer e que cresce
até matar ou morrer
Feito capim-navalha
feito erva daninha,
feito eu e você... amor!

Pôrra, caralho, buceta!!! Além de não colher os louros da minha obra – e não me refiro a conquistas sexuais, mas sim a elogios –, ainda criei fama de promíscuo, sem deitar na cama!

Amor trocado

Por pouco mais que um trocado
você pode possuir-me
acomodar-se entre as minhas pernas
penetrar em meu fantasioso mundo
Eu lhe direi palavras obscenas
murmuradas ou gemidas ao ouvido
proporcionando-lhe o prazer que procura
fazendo crescer a sua autoestima
Você gozará em minha companhia
quantas vezes os seus trocados valerem
o tempo que a sua performance permitir
Mas nunca alcançará você
ou qualquer outro, por dinheiro
meus sentimentos verdadeiros
Qualquer um pode comprar o meu corpo
pode comprar a minha malícia
mas os meus sentimentos mais verdadeiros
não encontram-se à venda
Minha fortuna não é minha profissão
a vida de puta que levo ao lado
de homens bons de negócios mas ruins
de cama e de sentimentos
Minha fortuna encontra-se guardada

para um homem especial
um homem único e somente
Que me faça chegar e chegue junto
até onde nenhum outro chegou
pois nasci para amar!



EU

Eu

e minhas poesias que
envelheceram comigo

Depois dos 40 anos, comecei a compor músicas. Quer dizer, comecei a compor coisas que autointitulo músicas. E, por incrível que pareça, a maioria das músicas que eu componho têm como tema o amor... Mas minha poesia, ainda hoje, não. As poucas poesias que escrevo que abordam o amor mais o questionam do que a ele se rendem. Algumas chegam mesmo a negá-lo, solenemente!

Amanhã

Não costumo escrever sobre amor
apesar de ter amado tanto
talvez por medo de colocar no papel
o contraditório desse sentimento
que gera sorrisos e prantos

Como poderia jurá-lo eterno
se muitos dos meus se fizeram findos
ou anuncia-lo só alegria
se pelos meus eu também chorei
e fiz chorar

Fazer uma poesia para propor
o sexo como expressão do amor
também não faz minha cabeça
já amei sem sexo
e fiz sexo sem nenhuma nobreza

Sei lá, parece-me hipocrisia
fazer-me perfeito em versos
e não ser
fazer suspirar uma parceira
por palavras somente

Palavras mentem
sentimentos são contraditórios
e o desejo muitas vezes
se mistura a sentimentos superficiais
que não merecem a alcunha amor

Amor verdadeiro para mim
se faz com muito suor
mas não somente com o suor do sexo
se faz até mesmo com palavras
mas não com as viciadas em rimas

Amor verdadeiro para mim
se faz com o tempo
com o dia a dia e seus desafios
com o conhecimento mútuo
com os encontros e desencontros
com as surpresas
com as demonstrações de carinho
com as palavras duras inclusive
com reconciliações
e, sobretudo, ao final do dia
com o desejo mútuo...

... de um amanhã

Com o passar dos anos, a inocência de minhas poesias foi sendo substituída pela amargura e as brincadeiras gratuitas por contestações. A minha poesia foi crescendo junto comigo – não muito, nem tão consistentemente, mas crescendo. Foram registrando as dificuldades da vida adulta, os sacrifícios para pagar as contas no final dos meses e as dolorosas perdas que o destino impõe.

Buá

E como anda em voga
essa tal de reciclagem

resolvi fazer a minha parte
e também me reciclar
Mas como não sou feito
de metal, vidro, nem plástico
conclui minhas ideias serem
meu objeto a reciclar
Procurei por velhos rancores
e separei os que queria
já os rancores obsoletos
descartei na lixeira verde
Meus conhecidos preconceitos
descartei na lixeira azul
mas receio ocultar ainda um
ou dois preconceitos disfarçados
Ah... e minhas culpas
em que lixeira devo descartar
ah... minhas frustrações
ah... meus sonhos desfeitos
Enfileirei um arco ires
formado por lixeiras coloridas
e nelas fui descartando
tudo o que não mais prestava...
... de mim
Foram dias a mais dias

foram meses, quase um ano
de trabalho duro e desapego
mas, para meu bem, persisti
Descartei ideias inúteis
e outras que pensava essenciais
mas somente ao descartar o medo
o resto foi possível descartar
E, ao final, finalmente
restou pouco, além do amor
mas restou, sobretudo, o desejo
de recomeçar eu e você

Minha poesia adotou, de certa forma, papel autorreflexivo. Produzidas em menor quantidade e apropriando-se de mais experiências vividas, tornou-se mais encorpada. Menos boba. Hoje eu e ela não sorrimos à toa, não aguardamos um milagre, nem choramos por pouca dor. Talvez essa maturidade lhe atribua algum valor, nem sei dizer...

Cobranças

Às vezes me cobro pelas poesias cheias de vida
que eu não consigo escrever
Sentimentos bonitos como carinho, amor, paixão
ou positivos somente: alegria, paz, satisfação

Não sei se é só uma fase pela qual estou passando
ou se sou mesmo eu essas coisas esquisitas que escrevo
em forma de poesia
Parece contraditório
pois poesia remete a sentimentos nobres e positivos
No entanto minha poesia e minha vida
estão repletas de sentimentos tristes, inconformismo e dor
Me lembro de criança despreocupado de tudo brincando
e mesmo hoje brincando com todos, com tudo
Mas por dentro choro
pelo que a vida fez de mim, pelo que fiz da minha vida
Não sei ao certo se as dores que hoje sinto
irão me engrandecer ou se sou eu tão pequeno
a ponto de nada aprender com a vida
Às vezes sinto vontade de me entregar
mas a entrega me oferece duas possibilidades
posso me entregar à vida ou entregar a vida
Está tudo tão confuso que não consigo decidir
horas pendo para um lado, horas para o outro
Seguindo um caminho me vejo mais forte, alegre talvez
quem sabe com família, prestações da casa própria
Seguindo o outro, me vejo escrevendo poesias cada vez mais tristes
vagando pelas noites à procura de pessoas perdidas
vivendo encoberto por uma grande sombra

Dentro de um padrão “social” de pensamento
o caminho da alegria se faz o único possível
e o das sombras abominável

Para mim ambos fazem e não fazem sentido

Não sei o que esperar ou fazer do futuro

mas o futuro vem a cada novo dia

independente de minhas decisões ou ações

E aí...

Bem, e aí?



EU

Eu

e minhas poesias
últimas (!?...)

A verdade é que, quando eu virei prosa, minha produção de poesias caiu muito. Passei vários anos sem escrever poesias e, mesmo hoje, raramente um verso me invade na intenção de ser registrado como poesia. E quando as registro, sequer as enobreço com uma transcrição para o papel ou impressão. Elas permanecem entre tantos outros arquivos que mantenho na memória do meu computador, espalhadas por pastinhas virtuais.

O despertar

Quando enfim a noite chegou
pude deitar em minha cama
No escuro do quarto fiz uma oração
Pedi para ter força
pedi para ter bons pensamentos
para tirar proveito do dia que passou
Em minha cabeça lembrei as horas
se repetiu a história da minha vida
Dia-após-dia a luta da minha vida
a luta pela vida
Distingui erros do dia
de todos os dias

refleti medos na noite
Vislumbrei bons e maus presságios
Segui adiante pedindo pelos próximos
pedindo pelos de longe
Chorei minhas dores
e dei um leve sorriso
O sono fez pesar minhas pálpebras
fez fechar minha visão
Minhas ideias foram se perdendo
num mundo desconhecido
num mundo de fantasias
Assim me entreguei à noite
com um último pedido
– Deus, como quero
despertar com o despertador!

Primeiro eu iniciei um diário, que chegou a somar 18 cadernos com anotações e acabou sendo descartado em uma lixeira azul, destinada à reciclagem de papel. Ao menos como cidadão ecologicamente consciente eu me desenvolvi. Depois, iniciei dois livros autobiográficos: “Infância recriada”, resgatando memórias da minha infância, e “Eu, Fragmentos”, cujo “Eu, Poesias” integrava como um dos capítulos, mesclando poesias, fragmentos de textos abandonados ao longo da vida e reflexões sobre experiências pessoais. Ambos já foram diversas vezes deletados do

computador, mas resgatados de backups. E, por fim, conclui o meu primeiro livro de contos: “O acender da luz”.

Ano novo

Quando brilharam os foguetes no céu
brilharam também os meus olhos
meus sonhos, meus planos, a esperança
Quando as rolhas de champanhe voaram
sem direção no ar engarrafado
de tantas rolhas de rolha e de plástico
e transbordante espumante multicolorido
eu voei junto, eufórico, incontrolado
Um Ano Novo, um novo ano...
Não que alimentasse por demais fantasias
senão as boas e velhas fantasias lembradas
remendadas, adornadas e adoradas:
amor, paz, felicidade, dinheiro etc.
Nada de novo no ar senão o ar de novo
suficiente para provocar suspiros desejosos
de que tudo se vá, de que tudo venha
como se nunca se repetisse o mesmo ritual
Ano a ano, velho a velho ao novo...
Parece até coisa de criança, mas por que não
criancice comunitária, intermunicipal
inter-regional, internacional, intergaláctica

Todo o mundo unido, desejando junto
cada qual o seu desejo, em seu fuso horário
o desejo de cada um, de um ano
... brilhando no céu feito foguete colorido
... tomando o mundo num brinde
... abraçando o da frente, o de trás, os dos lados
... os desconhecidos e os bons e velhos amigos
... desejando por demais, pelos demais:
– Feliz Ano Novo!

Já as minhas poesias foram rebaixadas ao papel de figurantes na minha produção literária. Mas dizer que esse é o fim da minha poesia é precipitado. Compondo, eu não deixo de fazer poesias... Mas hoje é diferente, os versos já me chegam pedindo para serem gravados e não escritos! E nada impede que amanhã algumas músicas minhas não venham a ser rebaixadas à poesia ou eu redescubra o prazer de escrever poesias.

Mallu Magalhães

Às vezes queria ser mais bobinho
ou não me levar tão a sério
feito a Mallu Magalhães
falar com poucas palavras
formar frases sem sentido
empunhar um violão e fingir
que estou cantando só para mim
debaixo do chuveiro

Mas a minha voz me trai
também a minha idade e meu corpo
tudo o que foi feito ou que fiz
se soma, me subtrai
sou grande, velho, desafinado e, pretensamente
sério demais para me permitir
subir num palco, diante de uma plateia
e me curvar aos aplausos ou vaias